

Rúbia Carrera Wolf-1

Georgia Lemos Akel-2

1-Unicamp

2-Unicamp

---

Esse pôster tem como objetivo tratar da experiência que está sendo conduzida na escola E.E. Barão Geraldo de Rezende, em Campinas, pelo PIBID-Sociologia desenvolvida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP, iniciada no primeiro semestre de 2012. Nossa temática surgiu pelo interesse de refletir sobre o papel da escola e do professor na vida do jovem. Entendemos que estes devem buscar valorizar e compreender a individualidade de cada aluno, pois cada um tem sua trajetória de vida que pode influenciar no seu comportamento, níveis de interesse e motivação.

Quando começamos a acompanhar as aulas de sociologia na E.E. Barão Geraldo de Rezende, encontramos salas de aula marcadas pelo desinteresse dos alunos, este demonstrado através de sono, do uso de aparelhos eletrônicos (celulares, mp3 players), das saídas frequentes para “ir ao banheiro e beber água”, do esquecimento recorrente do livro e de conversas paralelas. Começamos então a buscar meios de encontrar uma explicação lógica para tal desinteresse e o primeiro ponto que nos chamou a atenção foi o livro de sociologia fornecido pelo Estado de São Paulo. Este livro de sociologia é marcado pela pouca (ou nenhuma) reflexão e análise crítica da sociedade, os autores clássicos das Ciências Sociais e suas teorias são lançados ao aluno sem que seu contexto histórico seja apresentado e explicado devidamente, e, por fim, sem que uma associação das teorias com a realidade do aluno seja feita. Deste modo, a sociologia acaba se tornando inteligível, tediosa e desinteressante.

Acreditamos que este problema enfrentado pela sociologia se deve principalmente pela descontinuidade desta matéria no currículo do ensino médio, como Amaury Cesar Moraes diz em seu texto “Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato”. Este autor evidencia diversas falhas na sociologia nas escolas básicas, que começam já no fato de que sua implantação se deu antes mesmo de surgir o curso de graduação em Ciências Sociais. Devido a essa descontinuidade, os materiais didáticos

feitos para sociologia ainda são poucos e ainda não testados o que transforma o que era pra ser um dos maiores apoios educacionais para professores, onde poderiam ter novas ideias para fazer um ensino engajado com a realidade do aluno, em um material inutilizado.

Em nossa experiência na escola Barão Geraldo de Rezende, conseguimos ver isto bem de perto, já que a professora se utiliza de todos os materiais didáticos fornecidos pelo estado e ainda assim, tem que usar de seu acervo próprio de livros e de pesquisas de internet para conseguir adaptar aquele material a escola. Deste modo, um material que seria feito com o propósito de ajudar o professor só acabava dando ideias abrangentes, desatualizadas, com pouca proposta de reflexão do aluno, e muitas vezes fatos que apenas serviam para ser decorados para provas.

É preciso saber que a escola que existe hoje, a escola moderna, é um produto de outro momento histórico que para se estabelecer mudou o antigo modo de educação. Antes, em relação a pedagogia e organização do processo de aprendizagem era levado em conta a transmissão de regras e valores da sociedade, o que, na maioria dos casos hoje tenta ser visto como possibilidades de reflexão, comunicação e redefinição das regras e valores estabelecidos. Ao menos este é o desafio que este trabalho se propõe, e que tem que ser encarado de forma coletiva, mesmo sabendo que este é um papel difícil já que estamos numa sociedade que valoriza mais os projetos individuais, tanto de professores quanto de alunos.

Por isso foi essencial a proposta da elaboração de autobiografias, como início de um trabalho que pretende levar em conta as diferenças dos alunos, o que não significa um trabalho de acompanhamento individual destes e sim de compreensão de sua individualidade. Foi uma exploração que nos serviu mais como um primeiro passo para entendermos as heterogeneidades, que sempre vão existir, e saber lidar com elas. Se o professor não souber lidar com

as diferenças, todos os alunos se encaixassem no que se chama de “aluno padrão”, ou seja, há uma generalização. O que em termos, faz uma volta à escola tradicional com sua homogeneização de alunos, fazendo com que todos aprendam de uma só forma e passando o mesmo conteúdo de regras e valores tradicionais.

Vivemos em uma sociedade multicultural, e que tem que ser compreendida e tratada como tal, ou seja, marcada pela globalização e mobilidade social, que dentro de um espaço existem milhares de visões de homem, de vida e de mundo. Contudo, também não podemos por este motivo deixar a educação e a escola cair em um relativismo, o que agravaria mais os problemas da escola. Existem varias formas culturais e étnicas dentro da escola, e esta deve servir e respeitar a todas, e este é o desafio.

Diagnosticar estes problemas é apenas um passo do longo caminho a ser percorrido no combate ao fracasso escolar. As observações e conversas realizadas pelo professor são o meio para que o diagnóstico da situação seja feito, e assim medidas corretivas possam ser prescritas. O professor tem que vencer ainda seus próprios preconceitos com relação aqueles alunos que fogem do modelo “ideal”, o modelo que uma escola tradicional poderia ter.

Para Nora Krawczyk, a escola precisa mudar e reencontrar seu lugar como instituição cultural, frente a mudanças macroculturais, sociais, políticas e econômicas. Uma mudança que não seja uma simples adaptação passiva, mas que busque encontrar um lugar próprio de construção, de algo novo que permita a expansão das potencialidades humanas e a emancipação do coletivo: construir a capacidade de reflexão.

No caso da sociologia, os professores são os maiores interessados em adaptar sua matéria e investir na didática desta, para além de uma resposta utilitarista, e gostariam que sociologia servisse para um âmbito de aprendizagem critica e formativa do sujeito. Assim, há muitos deles que fazem seu próprio material didático, com suas intervenções e dinâmicas. No livro organizado pela Anita Handfas e Luiz Fernandes de Oliveira “A sociologia vai a escola, História, Ensino e Docência” há vários textos que mostram relatos de professores e pesquisadores que tiveram que fazer suas adaptações para conseguir dar a suas aulas, dentre estes está “nunca estudei e não gostei: o desafio de quebrar os preconceitos sobre o ensino de sociologia” de Rodrigo Paim e Sebastião Santos, vão relatar como entender e trabalhar a escola como uma dinâmica

macrossocial e microsocial, com estratégia de ensino que saíssem do senso comum.

Assim, estes autores trabalham a sociologia até como uma matéria “anárquica” que pode fugir das hierarquias do Ensino como uma boa coisa. Os trabalhos feitos em paralelo pelos professores muitas vezes não são vinculados a notas, mas os alunos fazem de forma voluntária e com um caráter de focar para a aprendizagem além do que a escola já oferece. O que foi uma de nossas influências para fazer da experiência no Barão Geraldo de Rezende com as autobiografias também não fazerem parte da nota de alunos, mas voluntariamente feitas para que as estagiárias conseguissem entender melhor a sala em que estavam.

Todos estes fatos que enfatizam que a escola e o ensino tem muito mais do que apenas estudo de materiais que muitas vezes são deslocadas da vida do aluno e que seriam excluídas da vida deste após o termino de sua vida escolar. A Escola é também um meio social, em que, a maioria dos alunos poderia falar que até gosta de ir, mas para encontrar os amigos. No texto “A escola como espaço sócio-cultural”, encontrado no livro organizado por Juarez Dayrell “Múltiplos olhares sobre educação e cultura”, o autor evidencia as possibilidades da escola num âmbito muito mais social e como os professores e pesquisadores poderiam lidar com isto.

Entretanto para começar é preciso elucidar a questão da escola como meio social que é posto principalmente no texto de Tânia Dauster “Construindo pontes- a prática etnográfica e o campo da educação”. A autora elucida que a escola é um meio de convivência de muitas culturas o que faz a mesma precisar de muitas mediações para dar conta delas. Portanto, uma escola tem que assegurar que não irá tentar passar um saber universalmente válido como se constituísse uma dominação cultural sobre os demais, e também sobre um caráter mais político, que aludisse uma possibilidade de princípios de ação e relacionar as singularidades culturais, sem desrespeita-las.

Deste modo, o texto de Juarez Dayrell faz todo o sentido, já que vai articular algumas maneiras pela qual é possível essa articulação de culturas dentro de uma escola. Ele propõe que se considere os alunos e professores como sujeitos sociais e históricos, que estão presentes na história e são atores desta. Assim, tem que se compreender o jovem na sua diferença, que também possui historicidade, que tem visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, etc. Portanto, que há múltiplas maneiras de viver da vida e se estas forem respeitadas, a aprendizagem pode ser efetivada por meio das

relações.

Phillipe Perrenoud é um sociólogo suíço que tem uma proposta de construção de uma pedagogia diferenciada, que nos baseamos para começar nossa aproximação e reconhecimento do aluno, pela autobiografia, assim como ele contribuiu para que não acabe somente nisto, sendo assim, uma proposta mais ampla e com finalidades que vão para além de apenas uma pesquisa.

O autor diz que pode ser uma forma de contribuição a identificação tanto dos tratamentos diferenciados de sala de aula que acentuam as desigualdades culturais dos alunos, quanto os que as atenuam. O que faz deste trabalho um empreendimento coletivo de longo prazo, que vai exigir uma grande investigação sobre atividades e situações de aprendizagem que sejam significativas e mobilizadoras, levando em conta as diferenças pessoais e culturais dos alunos.

Entendemos que o processo deve ser papel do professor encontrar situações didáticas para que o aluno participe ativamente do processo de aprendizado, seja através do trabalho com projetos, pesquisas e/ou situações-problema. O que significa que o professor deve criar um bom relacionamento com os alunos, para que estes se sintam a vontade para dialogar a respeito dos mais diversos assuntos, a exporem seus medos e anseios, a cooperarem com o professor para que juntos eles possam combater o fracasso escolar.

Entretanto, esta prática não é fácil, e exige uma reformulação constante do docente. No nosso caso de estagiárias, acreditamos ter feito um grande passo na direção de ter mais contato com os alunos, entender suas necessidades e anseios. Para que assim, conseguíssemos começar “com o pé direito” no processo de aprendizagem deles, e ajudássemos a professora com atividades extras futuras que fizessem sentido para os alunos e para a o ensino de sociologia.

### Referências bibliográficas

- MORAES, Amaury C. (1999), "Por que sociologia e filosofia no ensino médio?" Revista de Educação, 10: 50-52, abr., São Paulo, Apeoesp.
- HANDFAS, Anita. Luiz Fernandes. (Org.). A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência. 01 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009, v. 01.
- DAUSTER, Tânia. Construindo pontes. A prática etnográfica e o campo da educação. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996: 65-73.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996: 136-162.

KRAWCZYK, Nora. O ensino médio no Brasil. São Paulo: Ação Educativa. Observatório da Educação. 2009. (Em questão, 6).

PERRENOUD, Philippe. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

### Área: Sociologia

**Palavras-chave:** heterogeneidade; adequação; atuação